

Apresentação

O presente dossiê, *Travessias das Filosofias Africanas entre os modelos de ensino e aprendizagem*, insere-se em um cenário emergente na universidade brasileira, no qual diversas temáticas das Filosofias Africanas têm influenciado crescentemente a produção acadêmica, orientando percursos investigativos, ampliando horizontes epistemológicos. Corroborando esse cenário, esta coletânea de artigos apresenta uma particularidade, já que as pesquisas aqui reunidas transcendem o âmbito estritamente disciplinar, mobilizando pensadoras e pensadores africanos (continente e diaspórico) como interlocução a nós para assumirmos um posicionamento crítico frente aos processos históricos de desumanização dirigidos às populações negras. Assim, convidamos à leitura destes artigos com o intuito de articular saberes filosóficos, educacionais, sociológicos e antropológicos, visando uma práxis filosófica engajada em nosso contexto a partir de uma abordagem afrorreferenciada capaz de ressignificar epistemologias e práticas pedagógicas.

Vale enfatizar que essa ressignificação perpassa temas como: construção da noção de pessoa em perspectivas africanas; denúncias e enfrentamentos ao racismo estrutural; condições de existência nas diásporas negras; e problematização da modernidade ante o legado da escravização. Nesse sentido, a pergunta que orientou a chamada para submissão de artigos: *Há um lugar específico para ensinar e aprender Filosofias Africanas?* Não apenas foi respondida com reflexões instigantes, mas também revelou como, ao pensarmos com Filosofias Africanas, somos impelidos/as a reconhecer outros modos de conhecer, existir e organizar-se coletivamente.

Outro elemento central é a noção de travessia, que intitula este dossiê, inspirada no pensamento do filósofo camaronês Jean Godefroy Bidima que afirma “não podemos entrar na filosofia sem estarmos imersos na vida”, a travessia serve como metáfora para estimular produções que transcendem modelos convencionais de ensino e aprendizagem. Em uma leitura preliminar, percebe-se que os textos exploram múltiplas manifestações das Filosofias Africanas, no espaço escolar, na formação docente ou nos encontros entre educadores/as e estudantes.

É o que lemos no primeiro artigo, *Pulsões revitalizadoras da África para a educação brasileira: formas sociais* de Marcos Borges dos Santos Júnior, que analisa como o debate sobre África e sua diáspora nos espaços formativos brasileiros deve atentar para as potências revitalizadoras de uma educação afrocentrada. Em seguida, Aline Matos Rocha, em *Oyérónké Oyéwùmí e a filosofia da senioridade*, examina o pensamento filosófico iorubá de Oyéwùmí, introduzindo uma dinâmica pedagógica baseada na senioridade, em que a classificação social se dá por idades cronológicas fluidas e situacionais. Esse diálogo ecoa no terceiro artigo, *Contracolonização, linguagens e educação: da guerra por territórios a*

uma educação contracolonizadora, no qual Débora Cristina de Araujo e Ludovico Muniz Lima mobilizam o conceito de contracolonização de Nêgo Bispo para discutir a linguagem como campo de efetivação de perspectivas educativas ancoradas em territorialidades.

O texto seguinte *Filosofia, Ciência e Educação: pensares sobre um futuro sustentável, justo e inclusivo* de Lorena Silva Oliveira, critica os limites da educação formal eurocêntrica e bancária, defendendo a valorização de epistemologias ancestrais africanas e indígenas; com destaque para o papel de “cientistas do invisível”, como benzedeiras e pajés, na construção de saberes sustentáveis. Essa proposta ressoa no artigo *Imaginário Afro-brasileiro como dimensão pedagógica da educação*, em que Julvan Moreira de Oliveira, Jussara Alves da Silva e Luan Pedretti de Castro Ferreira demonstram como o imaginário afro-brasileiro sistematiza uma filosofia da pluriversidade, na qual mitos e representações simbólicas fundamentam modos de ser negro no Brasil. Tal abordagem dialoga com *As Encruzilhadas da Ancestralidade em Exu e a abertura de possibilidades à Filosofia Africana e Afro-brasileira* de Francisco Vitor Macedo Pereira, que interpreta Exu como símbolo de liberdade epistêmica e itinerários de multissaberes para uma libertação filosófica antirracista.

Nos três últimos artigos temos *Filosofia da oralidade: saberes transatlânticos na educação* de Antônio Filogênio de Paula, que discute a tradição oral como fundamento para a preservação de epistemologias africanas e diáspóricas. Já *Por uma filosofia afro-pindorâmica criacional: horizontes políticos entre ensinar, aprender e lutar* de Wanderson Flor do Nascimento contrapõe a educação neoliberal ao mobilizar o conceito de criação articulado com o pensamento de Nêgo Bispo para não somente delinear uma filosofia afro-pindorâmica, mas também pensá-la como uma “filosofia vagabunda”. Por fim, *Filosofias africano-brasileiras: aterramento diáspórico nas práticas educativas*, de Luís Thiago Freire Dantas e Adilbênia Freire Machado, propõe práticas educacionais enraizadas em filosofias africanas, em diálogo com a Filosofia do Ser-tão, que tem a terra, a ancestralidade e o encantamento como eixos ontológicos e pedagógicos.

Portanto, expressando agradecimentos ao prof. Evandson Paiva Ferreira que nos convidou e preparou a Revista Polyphonía para receber artigos da temática, este dossiê convida a percorrermos caminhos epistemológicos e políticos nos quais as Filosofias Africanas desafiam nossas expectativas sobre práticas educativas, oferecendo propostas que descolonizam a existência e reafirmam a potência dos saberes africanos e afrodiáspóricos. Pois, cada travessia aqui apresentada é, assim, um ato de resistência e reexistência, um chamado à crítica e à reinvenção.

Boa leitura!